

Olha a Pipa!

Prof. Vanessa Paulino

Email: paulinovanessa@gmail.com

Projeto apresentado na EM Basilio da Costa Daemon, localizada na zona Norte da cidade de Sorocaba. Este projeto atenderia os terceiros e quarto ano da unidade escolar no período do terceiro bimestre.

Ao caminhar pelas ruas próximas da instituição, percebi que os fios que compõem as redes elétricas e de telefonia estão cheios de pipas/papagaios, rabiolas, linhas e outras coisas enroscadas na fiação. Diariamente alunos e vizinhança têm o hábito de empinar pipa e é constante o aparecimento desses objetos perdidos na escola, o que sempre chama a atenção e dispersão dos alunos frente às aulas/atividades que acontecem na área externa (pátio, parque, estacionamento e quadra) da instituição, além dos relatos dos alunos sobre a prática em horário de lazer.

Ou seja, após essa análise, é perceptível o fato comum entre os (as) alunos (as) e outras pessoas da comunidade participarem dessa cultura corporal de movimento (soltar/empinar pipa/papagaio).

Objetivos do projeto:

- Auxiliar os (as) alunos (as) a identificarem as manifestações corporais que são desenvolvidas dentro e fora da escola;
- Possibilitar os (as) alunos (as) fazerem uma leitura crítica, com análise e reflexão das atividades desenvolvidas, sejam as práticas corporais locais e/ou de outras culturas;
- Atender e respeitar a diversidade e pluralismo cultural dos educandos;
- Auxiliar os alunos (as) a questionarem os preconceitos taxados como “corretos” na sociedade em que vivem – cidadão crítico;
- Ressignificar a manifestação que compõe a cultura corporal de movimento dos (as) alunos (as) referente à tematização pipa.

Iniciando o projeto:

A princípio, foi realizado o mapeamento sobre o conceito que os alunos têm sobre Educação Física.

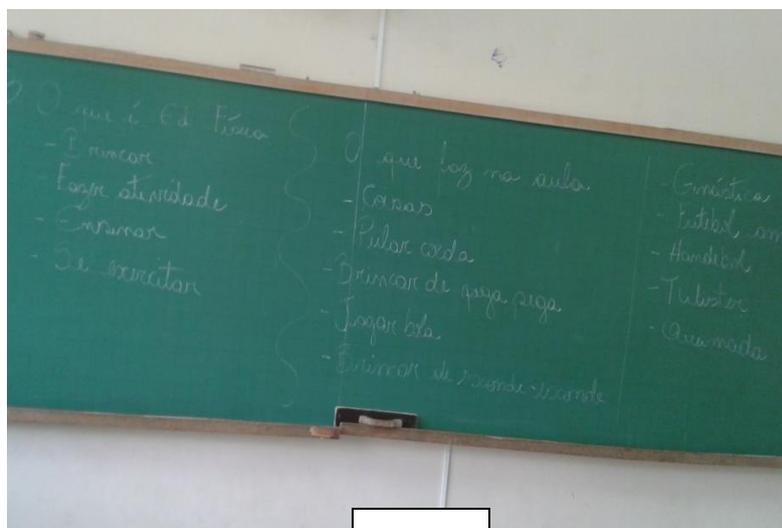
Baseado em tudo que já vivenciaram em aulas de Educação Física, desde o primeiro ano, os alunos responderem na lousa (professora escreva) as perguntas a seguir:

1. O que é Educação Física?
2. O que se faz na Educação Física?
3. Precisa estudar em Educação Física?
4. O que se aprende em Educação Física?
5. Quais brincadeiras vocês brincam na rua/ casa, fora da escola?
6. Qual a diferença entre o que aprendem (brincadeiras) na escola e na rua?

Seguindo a sequência das perguntas, surgiram respostas como: brincar, se exercitar, fazer atividades, esportes, ginásticas, brincadeiras, entre outras. As respostas quanto a segunda pergunta, acabaram sendo parecidas as da primeira. Surgiram, também, os termos nada e bagunça, porque para eles há alunos que só fazem bagunça e outros que nunca querem fazer as atividades.

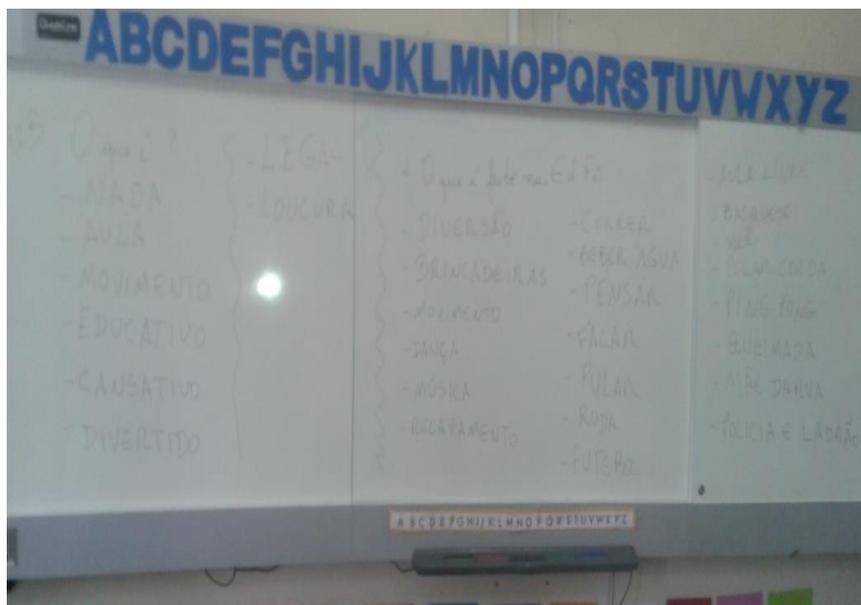
Quanto à terceira pergunta, sobre estudar em Educação Física, as respostas variaram entre o sim, o não e o mais ou menos, sendo visível a dúvida dos alunos e também não conseguiam explicar os motivos do sim, do não e do mais ou menos.

Segue abaixo alguns registros:



3º ano





Durante o processo surgiram várias vezes a expressão brincar e brincadeiras, quando não, era a primeira.

Quanto às atividades que fazem na rua, surgiram as mesmas brincadeiras que fazem em aula.

Houve divergência entre os grupos e alunos sobre a diferença entre o que aprendem na rua e na escola e se há diferença. Pela fala dos alunos, percebi que para os que acreditam nas diferenças, estas se dão somente em relação ao espaço físico e número de pessoas além de ser totalmente livre. Apenas uma aluna do terceiro ano fez colocações a respeito das intervenções pedagógicas feitas pelos professores.

*Essas respostas também foram usadas para a o planejamento das atividades do projeto municipal Oficina do Saber, sendo que os alunos do projeto Pipa, participam das alunas da Oficina.

Entrando no tema Pipa

Depois do mapeamento verbal descrito acima, notei que estes não citaram a Pipa, mesmo vivenciando-a constantemente em seu dia-a-dia. Apenas um aluno tentou fazê-lo timidamente mas recuou na resposta.

Para saber do conhecimento prévio dos alunos a respeito desse tema, novamente foram feitas perguntas sobre o assunto como: o que era a Pipa para eles, o que sabiam sobre o tema, quem brincava se eram os meninos ou meninas, adultos ou crianças, entre outras perguntas que surgiram de acordo com as respostas dadas. Tudo o que os alunos falavam era escrito na lousa.

Segundo as respostas, para os alunos a pipa é um brinquedo que pode ser feito/praticado tanto por meninos quanto por meninas, por adultos e crianças,

inclusive, vários alunos citaram casos em suas famílias como mães, pais, tios, irmãs, etc.

Surgiram referências a respeito dos materiais que são usados para confecção – acreditam que pode ser usado apenas papel de seda e sacola plástica; citaram as varetas e rabiolas. Dentre os materiais, surgiram muitas referências quanto ao uso de cortantes - os diferentes tipos e diferenças de cortantes (cerol, “oxi”, chilena). Os alunos demonstraram bastante conhecimento sobre esses cortantes e disseram fazer uso, porém, com ressalvas já que podiam ser pegos pela polícia. Entramos nessa questão sobre o porque a polícia pegaria e mostraram conhecer os perigos do uso de cortantes, como por exemplo, a possibilidade de cortar alguém, algum motoqueiro, entre outras coisas.

Feita a pergunta: se a polícia pega porque é perigoso porque usam?

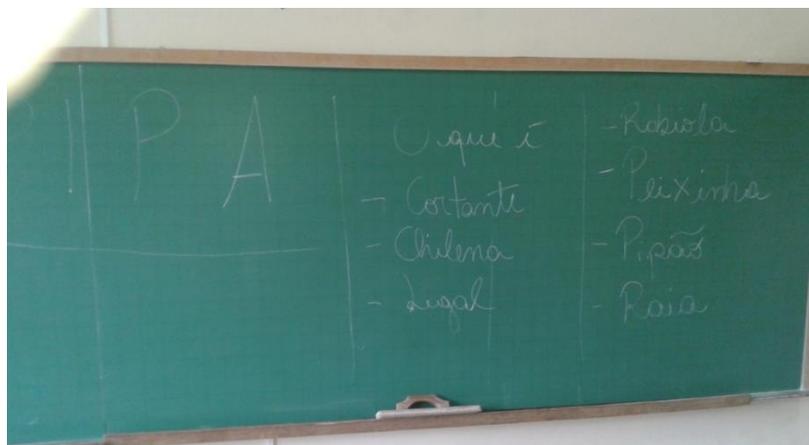
A resposta foi unânime: para pegar (cortar) as pipas.

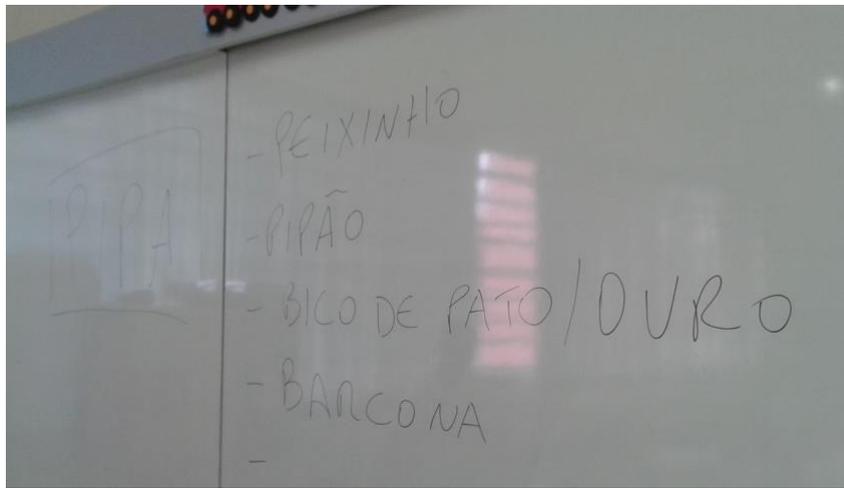
Como os alunos acabavam mencionando os nomes de alguns tipos de pipas, apresentei a eles outros nomes que também representam a pipa em outros locais do País, como: cafifa, raia, jamanta, pepeta, tapioca, laçadeira, marimba, barrilete, pandorga, etc.

Em duas salas, iniciei a aula com um jogo de adivinhação, colocando um a um os nomes referentes à Pipa e pedi para que tentassem descobrir a qual brincadeira e/ou brinquedo pertenciam. Ao chegar ao nome *Raia* todos acabavam descobrindo então, iniciava as perguntas sobre o que sabiam a respeito da Pipa. Os alunos demonstraram surpresa quanto aos diferentes nomes.

Fizemos uma reflexão a cerca de a Pipa ser um brinquedo ou não, utilizando de sua história - explicação sobre a origem da pipa, sendo ela criada na China para usos bélicos, passando pela ciência com Benjamim Franklin e o para-raio, Grahan Bell e o telefone e Santos Dumont e a aviação até virar um brinquedo.

Segue alguns registros (terceiro ano):





Durante o diálogo, surgiu a questão dos cortantes e fiação elétrica. Um aluno comentou que se o fio, revestido com pó de ferro, encostasse na fiação elétrica, a criança ficaria com o bumbum preto – o que me levou a crer que não entendiam exatamente dos perigos dessa prática.

Surgiu a justificativa, por parte dos alunos, do uso do cortante como uma forma de se “vingarem” e se defenderem dos adolescentes usuários de drogas que cortam suas pipas quando estão brincando. A fala “se não usar cortante os caras cortam a gente” foi constante.

Uma das etapas do projeto foi constituída da mostra de vídeos sobre festivais, onde tiveram a possibilidade de conhecer diferentes tipos, formas e tamanhos de Pipas, assim como diferentes possibilidades de materiais, além do que acreditavam existir.

*Perguntaram sobre a possibilidade de existir oficinas de pipas na escola.



Usando a imaginação

Foi pedido que os alunos desenhassem a pipa de seus sonhos e esses desenhos seriam expostos em um mural.





*Os alunos que tinham mais dificuldade em desenhar pediam e recebiam ajuda dos que tinham mais facilidade.





Durante a apresentação dos vídeos, surgiram frases tais como: nossa! os caras não usam cortante... que “paia”. E novamente a expressão cortante refletia nos assuntos das salas.

*Ao final de uma das aulas do tema Pipa, uma aluna perguntou-me se naquele dia eu não daria aula de Educação Física para eles.

Cuidados e acidentes com Pipas

Observando o constante aparecimento do uso dos cortantes pelos alunos, foi feita uma apresentação de fotos e vídeos, utilizando-se de dramaturgia. Na primeira apresentação a morte falava com os alunos nas demais ela se comunicava com cartazes e os alunos tiveram oportunidade de interagir com a morte.





Uma das professoras do quinto ano se interessou e pediu que a dramatização fosse apresentada em sua sala.

Para continuar o assunto, realizamos um evento com a participação do corpo de bombeiros com a palestra acidentes com Pipas – conscientização.

Com cortantes ou sem... eis a questão?

Foi feito um diálogo reflexivo sobre o uso de cortantes e leitura de um texto, escrito por um pipeiro sobre o tema. Este texto aborda a questão da necessidade do uso de cortantes para os pipeiros.

***Colunista RC24h - Luciano Moreira: Cerol: tradição e perigo
pipa sem cerol é o mesmo que andar com uma coleira sem o cachorro
Em: 15/02/2015 às 16:09:08***

Começo este artigo fazendo um desafio aos leitores: comprem 10 pipas e, com uma linha sem cerol, coloque-as para voar próximo de outras pipas, em localidades diferentes da cidade. Quem conseguir manter sua pipa presa à sua linha sem cerol por mais de 10 minutos ganha um prêmio.

Os acidentes constantes envolvendo ciclistas, motociclistas e linhas com cerol, causam indignação na população e mobilizam até a polícia para coibir a prática. Mas vale uma ressalva: muitas vezes, as pessoas envolvidas no acidente já foram, ou até são, pipeiros. Os acidentes são considerados verdadeiras fatalidades e os críticos mais ferrenhos ou não têm crianças na família ou nunca soltaram pipa na vida.

Nos dias atuais, é uma hipocrisia tremenda aconselhar alguém a soltar pipas sem cerol nas linhas. Você simplesmente está falando para a pessoa ir lá, soltar pipa por 5 minutos e voltar para casa sem a pipa e com o que restou de linha.

Há 30 anos, quando eu soltava pipa, já era exatamente assim. Simplesmente não há a menor possibilidade de se soltar pipa sem cerol!

“Ah, mas eu já vi festivais de pipa onde ninguém usou cerol!” Sim, mas garanto que era um festival de pipas exóticas, soltadas com linhas de nylon e outros tipos muito mais resistentes que a “linha 10”, usada desde que me conheço por gente para a prática de soltar pipa. Aliás, procurei nos dicionários um nome para a prática de soltar pipa, para não ficar repetitivo, mas a única variável que encontrei foi “empinar” pipa. Então, continuemos...

Pipeiro é aquele, de 8 a 80 anos, que domina a prática de soltar pipas. E “dominar” essa prática, inclui desde saber confeccionar a pipa e.... saber fazer cerol.

A receita (que obviamente não darei aqui – embora nem precise, pois é de domínio público) é a mesma há anos, e inclui apenas dois ingredientes, além de, pasmem, um pedaço de meia-calça feminina!

Já a tal da “linha chilena” é uma versão que já vem com “cerol” de fábrica, mas é um cerol diferente, mais agressivo, feito com alumínio em sua composição, portanto muito mais letal. Por isso ela também caiu na lista negra.

Os acidentes com cerol não se resumem aos motociclistas e ciclistas degolados ou feridos pela linha. Desde a sua fabricação artesanal, por parte de crianças (sim, as crianças que gostam de

pipa sabem de cor a receita do cerol), adolescentes e adultos. Vão desde pó de vidro nos olhos até os inevitáveis cortes nas juntas dos dedos indicadores, fundamentais para o controle das manobras das pipas no ar.

Que fique bem claro: soltar pipa, há muitos anos, significa ter uma pipa e uma linha COM cerol, capaz de resistir às cruzas, por mais tempo possível, pois ao empinar a sua pipa você estará mandando um recado às demais que estão no ar: “atenção, mais uma pipa pronta para cruzar”. E mesmo que não seja essa sua intenção, é isso que quem estiver no comando das demais pipas, vai entender. Caso você não esteja com cerol, pode dar adeus à sua pipa em questão de minutos! É inevitável.

Logo, proibir ou criminalizar a venda de cerol, não vai funcionar. Primeiro porque não há uma fiscalização nem uma regulamentação da atividade. Pode se apreender o produto no ponto de venda, mas nunca ouvi falar em uma fábrica de cerol ter sido desmantelada. Sabe por quê? Porque criança faz cerol. Adolescente faz cerol, adulto faz cerol...e todos eles soltam pipas.

O cerol é passado na parte da linha que fica mais próxima à pipa, por uns 50, 100 metros, nos casos mais exagerados. A parte da linha que fica mais próxima ao pipeiro, logo, a que está mais próxima ao solo – e que oferece mais risco aos motociclistas, geralmente não está com cerol, mas, mesmo assim, é tão perigosa quanto.

Na minha humilde opinião, acho que funcionaria melhor que se estabelecessem locais para a prática de soltar pipas. Locais afastados das vias de grande movimento e longe das redes de energia elétrica. Campos de futebol e outros descampados também servem ao propósito.

E que se olhe, também, para as crianças que perambulam pelas ruas atrás das pipas “avoadas”, aquela cortadas pelas que tinham um cerol mais potente e que caem ao sabor do vento, em telhados, em quintais e no meio das ruas. Atrás delas, sempre há um bando de crianças e até de adultos, que só olham para cima e esquecem o que está acontecendo à sua volta, ficando vulneráveis a atropelamentos, quedas e outros “tropeços”.

A graça de soltar pipa está justamente nos duelos aéreos travados do solo pelos pipeiros. Aonde quer que se esteja, pipa, pandorga, arraia, roncadador, papagaio, estarão sempre associados ao cerol. Mexer nessa conjugação, é tentar alterar o DNA dos pipeiros de todo o Brasil.

Sei que esta proposta seria tão difícil de ser executada quanto a fiscalização, mas é menos hipócrita.

Foi perguntado aos alunos se conheciam a campanha sobre álcool e direção; responderam: se beber não dirija. Perguntei quantos adultos eles conheciam que respeitavam essa campanha. Disseram que nenhum. Perguntei se era perigoso beber e dirigir e disseram que sim.

Debate

Após lembrar os assuntos vistos sobre cortantes, pedi para que os alunos que ainda eram a favor de cortantes levantassem a mão. A sala foi separada em dois grupos: o do sim e o do não. Pedi para o grupo do sim (a favor do uso) que usasse algum

argumento para convencer o grupo do não que o cortante era legal e porque usar. Depois inverti e pedi para o grupo do não fazer o mesmo.

O argumento do grupo do sim se baseava no fato de que se não usassem cortantes perderiam suas pipas para quem usa. O grupo do não rebateu usando argumentos sobre mortes, acidentes, a perda de um pai ou de uma mãe (levaram para o lado emocional) e o argumento criminal, ou seja, se forem pegos usando cortantes deveriam pagar uma multa de cerca de R\$ 1000,00.

Colocando a necessidade de empinar pipas em locais adequados para evitar acidentes, perguntei quais seriam esses locais. Começaram a responder: em campos, sem fiação elétrica, sem carros, sem pessoas perto...

Questionei se teríamos esses locais considerados adequados. Discutimos a possibilidade de construirmos um mapa com a representação desses locais. A princípio os alunos gostaram da ideia mas, esta acabou não evoluindo.

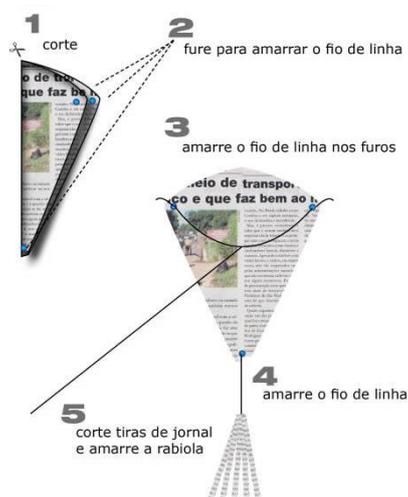
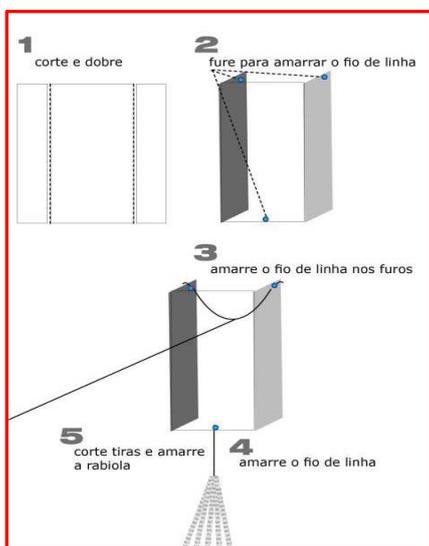
Vivências práticas

Pipa capucheta

Capucheta : se assemelha a um capuz. É feita de qualquer papel, inclusive jornal e não tem tamanho definido. Pode ser pequena, ou grande. É muito simples e não requer nenhum material que não esteja ao alcance das mãos, causando um ótimo motivo para entreter a criança no improviso.

Este nome surgiu com frequência entre os alunos, e por ser de fácil manipulação decidi iniciar por ela. Iniciei perguntando quais dos alunos sabia confeccioná-la – estes seriam os ajudantes.

Metodologia: confecção de pipas capuchetas com folhas de jornal; usando alguns alunos como ajudantes; discutindo sobre que tipo de material – papel e linha - seria o ideal para esta pipa; confecção em pipas de jornal e uma de folha de sulfite para comparar a aerodinâmica com os alunos.





Alguns ajudantes

Pipa bicuda (ou ratinha)

Para esta Pipa não tivemos ajudantes. Os alunos desconheciam este tipo.

Esta Pipa foi escolhida pela facilidade de manipulação e aquisição de materiais.



Mini Pipa Raia

Como os alunos tiveram um pouco de dificuldade na execução da pipa ratinha (bicuda) optei por um tipo de pipa raia mais simples, com materiais mais simples.

Material: jornal (para a rabiola), papel de seda cortados em forma de quadrado, canudos para suco, fita durex.



Pipa de folhas

Material: papel e cola

Certo dia, um dos alunos do terceiro ano, mostrou um tipo de Pipa diferente, confeccionado em folha de caderno, dizendo ser o aluno de uma outra sala que os ensinara a fazê-lo.

Pedi a este aluno que ensinasse aos meus grupos esse tipo de Pipa, designado por ele como pipa de folhas.





Acontece no dia-a-dia

Levei uma matéria de jornal, feita pelo jornal Cruzeiro do Sul sobre o festival de pipas ocorrido no dia 15 no Paço Municipal, matéria, também exibida, pela internet em vários sites. Debatemos o conteúdo da matéria.

Jovens se arriscam entre carros para pegar pipas em avenida de Sorocaba

**Diversão virou problema para pessoas e motoristas que estavam no local.
GCM flagrou uso de linhas de pipas com material cortante.**

Centenas de jovens e adolescentes aproveitaram o sábado de sol em Sorocaba (SP) para participar de um festival de pipas na avenida Carlos Reinaldo Mendes, na altura do Paço Municipal. Mas, o que era pra ser uma diversão, se tornou um problema para pessoas e motoristas que passavam pelo local. Os pedestres sofriam com as linhas cobertas por cortante, que caíam a todo momento. Já os motoristas tinham que desviar de adolescentes que se arriscavam e corriam atrás das pipas no meio da avenida. O festival de pipas foi realizado paralelamente a um evento de food truck, no Paço Municipal, em comemoração aos 361 anos de Sorocaba, comemorado neste sábado (15). Durante todo o dia a cena se repetiu: pipas caindo a todo momento, cortadas por linhas preparadas com cerol. "Digamos 10% só delas

não tem cerol, o resto tudo tem", estimou uma das guardas municipais que estavam no local. Em meio a tanta gente, as poucas equipes da GCM tinham dificuldades para controlar até mesmo a venda irregular de pipas no local. "A gente orienta para recolher e guardar. Para não vender aqui no Paço", diz a guarda. Somente horas mais tarde, a guarda civil municipal recebeu reforço de equipes para fiscalizar a venda e o uso de cerol. Quem veio apenas para brincar se sentiu coagido. "Eu vim com meus dois filhos e outros colegas para brincar. Orientei que não soltem a pipa porque estão usando cerol e a linha chilena, que eu não acho de acordo. A brincadeira vai acabar se tornando perigosa", comenta o segurança Duarte Rogério Felipe. Outra cena comum foi a de motoristas freando e buzinando para alertar pessoas que andavam pelo meio da avenida, sem se preocupar com o tráfego.

Colocando no papel

Aos alunos do quarto ano foi pedido que escrevessem uma redação relatando o que tinham aprendido durante o projeto

tema Pipa 4ºB Prof. Mariana 27/08/15

O tema Pipa é uma atividade muito interessante e criativa, por isso eu aprendi a muita coisa sobre os tipos de pipas volantes e lineas.

Tem muita gente que acha que não pode soltar pipa mas o problema não é a pipa e a linha por que tem cerol constante e muitos outros tipos de cerol, nos podemos soltar pipa mas com Naledoria e Bom senso, agente deve ter a pipa em um local que não tenha casa animal, seu eletrico isso pode causar um grave acidente na vida das pessoas.

Eu gosto de pipa mas nunca soltei, mas quando eu for soltar quero usar com consciencia, eu aprendi a fazer minha propria pipa com poucas materiais e estou pensando em ter uma coleção de pipas.

Pipa

Entre esses anos aprendi que usar cerol é proibido por lá que chega a multa, além disso pode até levar uma pessoa ao óbito e animais.

O problema não é brincar com a pipa mas temer que soltar usa lá, entretanto a lugares apropriados para soltar a pipa como campos sem fios de alta tensão, sem motaquinhas por perto, sem nem um perigo a todos.

O cerol matau muitas pessoas, como motociclistas, ciclistas e pedestres, e a que usa, pois a linha pode encostar nos fios de voltagem alta e as pessoas podem levar choques.

Concluindo tudo isso devemos ficar atentos com o uso do cerol.

Redação sobre pipa
(Pipa)

Eu gostei muito de ~~o~~ Lisa e a professora me ajudou foi complicado mais consegui a fazer a pipa

Eu fiz com lava algumas pipas em casa -primun foi muita coisa desentendida

Eu adorei esses tipos de pipa, então cada vez mais eu vou aprendendo a fazer pipas quase toda dia eu vou fazer pipa então eu quero fazer mais para aprender faço para o meu irmão ele adora pipa eu mais eu X menos eu gostei bastante.

que eu aprendi sobre
Pipa a Pipa tem vários
nomes como, Papagaio de cerol
na mala as pipas
de cerol de cerol de cerol
Pipa até rebbomas zigzas
o mesmo para falar na
cerol e o cerol
Para ensinar a fazer Pipa
de papel nos fizemos
Pipa de cerol e
capucheta como se a
que a Pipa representa
alguns alunos ou a favor
do cerol alguns não.

Referências Bibliográficas

Brasil Cultura. História das pipas, pandorgas e papagaios. 2009. Disponível em: www.brasilcultura.com.br/cultura/historia-das-pipas-pandorgas-e-papagaios/. cessado em Agosto de 2015.

NEIRA, M.G.; NUNES, M.L.F. . Praticando estudos culturais na Educação Física.

NEIRA, M.G.; NUNES, M.L.F. Educação Física e culturas

NEIRA, M. G.; NUNES, M.L.F. Educação Física, Currículo e Cultura. 1ªed. São Paulo: Phorte, 2009. 288p

RC24h. Colunista RC24h - Luciano Moreira: Cerol: tradição e perigo. Soltar pipa sem cerol é o mesmo que andar com uma coleira sem o cachorro. Disponível em: <http://rc24h.com.br/noticias/ver/14884/cerol-tradicao-e-perigo-2>. Acessado em Agosto de 2015.